



Entre a sátira e o realismo socialista:

O ano da independência de Angola na ficção de Manuel Rui

Between satire and socialist realism:

The year of Angola's independence in the fiction by Manuel Rui

*Luiz Maria Veiga**

Resumo: *Sim camarada!* (1977), histórias de Manuel Rui, é considerado o primeiro livro de ficção publicado na Angola independente. Aqui investigamos como estas ficções representam o momento histórico e dialogam com as tensões sociais e políticas de 1975 e em que medida o autor usou, nesta construção literária, itens do formulário do realismo socialista, o modelo soviético para a literatura e as artes.

Palavras-chave: Manuel Rui; independência de Angola; realismo socialista.

Abstract: *Yes comrade!* (1977), stories written by Manuel Rui, is considered the first fiction work published after independent Angola. In this paper, we analyze how these stories represent a historical moment and dialogue with social tensions on the year of 1975, and to what extent the author used, in this literary composition, items from the form of socialist realism, that is, the Soviet model for literature and arts.

Key-words: Manuel Rui; independent Angola; socialist realism.

O angolano Manuel Rui Alves Monteiro, ou apenas Manuel Rui, como é mais conhecido, tem hoje uma vasta e consagrada obra literária e é, na sua atual condição de mais-velho, com quase oitenta anos, um dos mais prestigiados escritores de seu país. Neste artigo, vamos examinar um dos seus primeiros trabalhos e a explícita conexão e diálogo com o momento histórico nele representado, que é o ano de 1975 em que veio a ser proclamada a independência e foi criada a República Popular de Angola.

* Doutorado pela Universidade de São Paulo.

Ex-estudante de direito, poeta, advogado e militante político ligado à luta de libertação, ainda residindo em Portugal, Manuel Rui publicou, em 1973, *Regresso adiado*¹, livro que reunia contos (ou estórias, como preferem os angolanos) ambientados numa Angola que vivia simultaneamente a situação colonial e a explosão de violência da crise dessa mesma situação. Foi sua estreia como prosador.

Em 1977, já em Luanda e na condição híbrida de escritor e dirigente político no poder, publicou sua segunda coleção de contos, com o título *Sim camarada!* Nele estão reunidas quatro estórias — “O conselho”, “O relógio”, “O último bordel”, “Duas rainhas” — e uma novela (no sentido quantitativo que os franceses dão à palavra, de narrativa maior que um conto e menor que um romance) fechando o volume, intitulada “Cinco dias depois da independência”. Para que se tenha uma ideia da extensão das narrativas basta lembrar que as quatro primeiras, reunidas, contam cerca de quatorze mil palavras, enquanto a novela, sozinha, tem aproximadamente dezessete mil palavras. Dois anos depois, ou seja, em 1979, a novela mereceria publicação exclusiva, desacompanhada dos quatro primeiros contos.

A eles (os inimigos), a sátira

O ano de 1975 começou com a assinatura, em meados de janeiro, em Portugal, do Acordo de Alvor, e mais ou menos terminou com a proclamação da independência pelo MPLA. Depois disso, podemos dizer que, mesmo o ano civil não tendo acabado, teve início o ano um da nação angolana.

O acordo que ficou conhecido como Acordo de Alvor, marcou para 11 de novembro de 1975 a data da independência de Angola. Durante o período de transição, o país seria administrado por um governo de coalizão composto de um representante de cada um dos três movimentos. O alto comissário de Lisboa controlaria a defesa e a segurança e “arbitraria diferenças”. Cada movimento e os portugueses teriam três postos no gabinete.²

Embora o ano comece assim, com a assinatura de um acordo entre os três movimentos de libertação, ele termina com Agostinho Neto, ou seja, o MPLA³, proclamando a independência no dia acordado, numa Luanda acossada por inimigos ao norte e ao sul, inimigos compostos pelos que deveriam compartilhar com ele a proclamação e o governo, segundo o combinado em Alvor. Esses inimigos tinham aliados, congolese, norte-americanos, sul-africanos. O MPLA era apoiado pelos soviéticos e pelos cubanos. Os outros dois movimentos de libertação, FNLA⁴ e UNITA⁵, também proclamaram governos independentes para Angola, a FNLA no Ambriz e a UNITA no Huambo, que já deixava para trás o nome colonial de Nova Lisboa. A guerra civil, que começara de modo subterrâneo ainda durante a guerra de libertação, viera à superfície e prosseguiria com intermitências, até 2002, com a morte em combate do líder da UNITA, Jonas Savimbi. Apenas o

¹ RUI, Manuel. *Regresso adiado*. 2ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1978.

² MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 147-148.

³ Movimento Popular de Libertação de Angola.

⁴ Frente Nacional de Libertação de Angola.

⁵ União Nacional para a Independência Total de Angola.

primeiro governo, proclamado em Luanda, foi reconhecido internacionalmente. E o primeiro país, por paradoxal que pareça, a reconhecer esse novo governo foi o Brasil da ditadura militar, então governado pelo general Geisel.⁶

Assim como o ano começa com o Acordo de Alvor, também o livro, acompanhando esse fluxo temporal, começa com algo relacionado a isso. A primeira estória, “O conselho”, é uma sátira ao efêmero governo resultante do dito acordo. Nela já é possível perceber o caráter mais que engajado, francamente partidário, assumido pelo narrador. Ele nos faz lembrar algo que John Reed escreveu na introdução ao seu clássico *Dez dias que abalaram o mundo*: “[a]o longo dessa luta, minhas simpatias não permaneceram neutras”⁷, palavras que também poderiam ser repetidas pelo nosso narrador. Para constatar essa falta de neutralidade, basta ver as caricaturas que o (comprometido) narrador traça, dos chefes dos dois outros movimentos e dos portugueses participantes do governo.

Sobre Jonas Savimbi, o chefe da UNITA: “ele mastigava-se pela manhã com dez pães, cinco quilos de presunto e seis queijos vindos do Huambo, tribalismo à parte”. E ainda: “Savimbi só faltou prometer ar condicionado nas ruas, desodorizante de graça e uma máquina de fazer notas de mil com patente de invenção registada em nome de Abrigada-Chipenda”⁸. Note-se que a invectiva inicia-se contra Savimbi mas consegue estender uma farpa satírica para o outro movimento de libertação. Associa Savimbi a Daniel Chipenda, antigo alto comandante guerrilheiro do MPLA na Frente Leste que, por divergências com Agostinho Neto, tinha mudado de lado, estava, na altura, com a FNLA.

Este segundo grupo político-militar, chefiado por Holden Roberto, tinha satirizada a linguagem de seu representante, pintado como tendo pouca familiaridade com o idioma português e um maior traquejo com o francês que se falava no antigo Congo Belga, depois Congo-Leopoldville e, no momento histórico em que decorre a ficção, Zaire.

Tempo de grandes neologismos e enriquecer o léxico nacional muito para além do “lusó-tropicalismo”. Suas celências *então que ministros ressortisantes* do Zaire [sic], Suíça ou Alemanha, entregavam-se a grandes *augmentações* propiciadas pelos *afluchos* das *proceduras* legislativas autenticamente importadas, sentindo-se a cada passo *catastrofados* sempre que viesse à baila o “poder popular”. [...] Esta tese defendia um arqueológico ser que por bambúrrios do Alvor dera em ministro da saúde com uma fatiota emprestada pelo tio. O do barrete de onça!⁹

O barrete de onça é referência a adereço tradicional usado por Mobutu Sese Seko, ditador do Zaire e patrocinador da FNLA e de seu chefe, Holden Roberto. Note-se a ojeriza que esse grupo mostra a qualquer menção ao “poder popular”, expressão associado ao MPLA, já que a letra P da sigla significava exatamente popular.

⁶ A esse respeito veja-se o capítulo “Com as tropas de Fidel” in GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 127-158.

⁷ REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. Trad. Denise Tavares Gonçalves; prefácio Zuenir Ventura. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 47.

⁸ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 13, vale para as duas.

⁹ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 14-15, itálicos do autor.

Mas não havia apenas os dois outros movimentos de libertação como adversários do MPLA no governo de transição, também os antigos colonizadores eram partícipes daquele arranjo e a sátira não poderia esquecê-los: “burro que nem aquele oficial português que, noutros tempos, mandou um barco de guerra para o Bailundo”¹⁰. Algo que corresponderia, aqui no Brasil, a mandar um barco de guerra para Minas Gerais.

Lembremo-nos que, pelo Acordo de Alvor, como vimos em Maxwell, o “alto comissário de Lisboa controlaria a defesa e a segurança”. É um dos ocupantes desse cargo de alto comissário que vai merecer talvez a maior descompostura satírica que pode ser encontrada no volume.

É verdade: e pode-se compulsar nos documentos epocais que sua Celência o Alto-Comissário difundia comunicados pela Emissora Oficial, em nome da Comissão Nacional de Defesa, dizendo tretas de lei e soberania. Mas, se apregoava paz e cessar-fogo, muito menos gente se expunha. E, se cacarejava recolher obrigatório às tantas, mais pessoas eram vistas depois das quinhentas. Ninguém acreditava nele! Nem portugueses reacionários daqueles sonhando ainda mesmo depois dos cravos de Abril, em baptizar mais uma terra nossa com o nome de Freixo d’espada-à-cinta ou à ilharga. E ninguém acreditava porquanto // em 1.º Sua Celência tinha um contencioso com a inteligência não obstante ser general-aviador // e, em 2.º, numa terra de bem vestir como é Luanda, usava uma calça muito larga na parte anterior de cima, enquanto que, em baixo, a calça se apertava à moda de quinze anos antes, acabando num sapato bem fininho na ponta, daqueles usados para matar barata no canto do salão. Era o que se podia chamar, com propriedade colectiva, um manequim de xui colonial dos anos quarenta. E havia até quem assegurasse, por segredos do pessoal do almoxarifado, vestir, sua Celência, cueca à inglesa curta de um tamanho que nem um guarda-redes do Atlético dos anos cinquenta desejaria para calção de treino à porta fechada. Vejam bem o exemplar que nos calhou! Do formato da cabeça nem é bom falar. Mas // em 3.º, um poeta das horas vagas escrevera em sua agenda o perfil do general que corria já em alguns centros do maldizer intelectualoide afecto à Revolução: o general nem tinha asas nas pernas nem hélice na cabeça porque // em 4.º, rebentara com a escala mineral, riscando mais que dureza diamantífera. E, a prová-lo, muita atenção: um dia, o povo, encardumado aos milhares, foi ao Palácio. Com cartazes, dísticos e megafones. O senhor recolhia-se lá para o condicionado. O povo gritava: fora o Alto-Comissário! O girino veio à varanda, com aquela cara que só um pintor leproso da cabeça por dentro escolhia para tema, e sorriu. O povo a cuspir: vai-te embora! ao que ele confessou ao seu dilecto colaborador, por sinal coronel belfo e gago, tratar-se da sua maior vitória política em terras de Diogo Cão!¹¹

Depois de se referir à falta de credibilidade (“Ninguém acreditava nele!”), ao parco entendimento (“tinha um contencioso com a inteligência”), à falta de elegância dos seus trajes, aí incluída a roupa interior, à sua cabeça dura (“reventara com a escala mineral, riscando mais que a dureza diamantífera”) e apostrofá-lo de “girino”, ainda garante o valor documental desse depoimento, dando-lhe o carácter de uma espécie de testemunho: “Que mais foram de dolorosa chateação as horas de o suportarmos. [...] Porque o narrador destas parcas e desambicionadas

¹⁰ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 15.

¹¹ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 114-115.

linhas para Nobel conheceu o general de perto.”¹² Se é imparcial e exata a descrição, ou se é parcial e tendenciosa, não podemos dizer. Mas é fato biográfico e histórico a participação de Manuel Rui no governo de transição como um dos ministros do MPLA, o que lhe teria dado oportunidade de conviver com tal autoridade. E embora ele não diga o nome (“Eis que por respeito a seus progenitores que não lhe deixo aqui o nome completo.”¹³) do alto comissário a quem está se referindo, nesta passagem, já o deixou escrito na primeira estória do volume. Houve dois altos comissários em Angola que eram também generais-aviadores: António da Silva Cardoso e seu sucessor, Ernesto Ferreira de Macedo. No conto “O conselho” podemos ler, numa referência ao governo conjunto de transição, “a maioria eram reacionários fazendo uma orquestra cujo assistente de som era um tal Silva Cardoso”¹⁴ e mais adiante, “os fenelosos a pedirem apoio às forças do Silva que chegaram a fazer fogo contra miúdos do Liceu”¹⁵. Como Ernesto Ferreira de Macedo desempenhou a função de alto comissário por menos de um mês, e já mais perto do fim do ano, em agosto, podemos suspeitar com relativa segurança que é para António da Silva Cardoso toda a zombaria engendrada pelo narrador.

Além da sátira cruel caricaturando os adversários políticos, o texto também traz denúncia da associação entre os portugueses e a FNLA, expressa em boatos (ou, na linguagem local, mujimbos) — note-se a fonte indeterminada “disseram” — que corriam pela cidade:

[...] a tropa tuga a facilitar a vida da *fenelá* disseram os fantoches introduzem armas pela fronteira com o Zaire entram matam o povo a tropa portuguesa sai ou faz de contas que não vê ou entrega quartéis e nós estamos cercados só pelo mar ainda poderão chegar armas mas quando atracam barcos com armas para o povo o Alto-Comissário diz que é neutro e manda apreender a carga e sempre sempre os fantoches a meterem armamento pelas fronteiras e a receberem quartéis dos tugas.¹⁶

Na queda do Huambo para as tropas de Savimbi, mais uma vez as notícias dão os portugueses como aliados dos inimigos do MPLA:

Confirmaram-nos há menos de uma hora. A *unita* tomou o Huambo. Estão a matar todos os militantes e simpatizantes do Movimento. Os camaradas do Centro de Instrução Revolucionária foram massacrados, o camarada Muteka já se sabe que foi esquartejado, os camaradas Kapango e Machado estavam para escapar, mas já dentro do avião, a tropa tuga autorizou os fantoches a prendê-los. [...] Perdemos o Huambo! Perdemos o Huambo!¹⁷

“Fantoches” é uma forma reduzida da designação dada pelo MPLA aos inimigos. A forma completa é fantoches do imperialismo, ou seja, os inimigos não passariam de bonecos manipulados

¹² RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 116.

¹³ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 116.

¹⁴ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 12.

¹⁵ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 13.

¹⁶ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977, p. 155.

¹⁷ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 174.

pelos norte-americanos e seus aliados, congolese ou sul-africanos. É preciso lembrar que o momento histórico é o da Guerra Fria, e Angola, naquela conjuntura, era um dos locais em que aquela guerra estava mais quente.

Ryszard Kapucinsky (1932-2007), jornalista polonês especializado em questões africanas, passou boa parte do ano de 1975 em Angola e escreveu um livro-reportagem sobre esse período. Ele está em Luanda, esperando o dia da independência, e faz um registro do ambiente da cidade no dia 4 de novembro, portanto sete dias antes da data marcada para ela. Esse registro confirma aquilo que Manuel Rui criou em sua ficção e que estivemos acompanhando aqui.

A liderança do MPLA está permanentemente reunida. // Parece que há auxílio em Brazzaville e Cabinda, mas não consegue chegar a Luanda porque o aeroporto e o porto continuam nas mãos do exército português até a próxima segunda-feira (10 de Novembro). Até à próxima segunda-feira, Angola é formalmente território português, uma província ultramarina e parte integrante do território da NATO. Por consequência, o MPLA tem de se aguentar até a próxima semana. E se for demasiado tarde? E se as unidades portuguesas lançarem subitamente uma ofensiva sobre Luanda, atacando os angolanos? (Receia-se que algumas unidades, lideradas por oficiais de direita, abandonem a sua posição de neutralidade e comecem a operar por conta própria.) Circula o boato que o presidente Agostinho Neto já foi detido. Instala-se o pânico. É impossível controlar a situação. Total ausência de informação sobre a frente do sul. Onde se encontra o inimigo? Será que pararam? Vêm aí? Ainda estão longe? Já estarão nos arredores? As pessoas perdem a cabeça.¹⁸

Mas numa outra passagem, relativa ao dia 10 de novembro, o jornalista anota um depoimento que, em alguma medida, serve de contraponto para a visão puxada ao maniqueísmo presente na ficção de Manuel Rui. É o ponto de vista de um observador de fora, não tão engajado quanto o duplo de militante político e escritor, embora não se possa negar que Kapucinski tivesse uma visível simpatia pelo MPLA, perceptível ao longo da leitura do livro. Depois de sua morte, em 2007, correram boatos não confirmados de que, além de jornalista, em suas andanças pela África, ele também teria atuado como espião soviético. Jornalistas e espiões, não podemos esquecer, têm em comum a busca pela informação. É esta a passagem mencionada:

Na segunda-feira, a guarnição portuguesa partiu de navio. O último pelotão subiu a prancha de embarque nessa manhã. Eu conhecia alguns dos oficiais que estavam de partida e fui despedir-me deles. Os angolanos queriam que eles se fossem embora tão depressa quanto possível. Depois de anos de guerra colonial, não podia haver compreensão nem simpatia entre os dois lados. Mas eu tinha uma visão diferente. Sabia que, neste período final, os angolanos tinham uma grande dívida de gratidão para com muitos, embora não todos, oficiais portugueses. Souberam comportar-se com lealdade. Eu mesmo lhes devia muito. Trataram-me com simpatia e ajudaram-me generosamente. Também nunca atacaram os cubanos, embora as primeiras pessoas de Havana tivessem chegado quando Angola era

¹⁸ KAPUCINSKI, Ryszard. *Mais um dia de vida: Angola 1975*. Trad. Ana Saldanha; prefácio Pedro Rosa Mendes. Lisboa: Tinta-da-China, 2013, p. 146-147.

ainda formalmente território português. Existe um tipo de solidariedade interpessoal que não deveria ser destruída pela secura do calculismo político.¹⁹

Depois de examinarmos o tratamento dado aos adversários nestas ficções de Manuel Rui, vamos nos deter agora em observar como é figurado o partido do autor, e do narrador, e da maioria dos personagens.

Aos nossos, a celebração

Embora as narrativas reunidas em *Sim camarada!* tenham como marco temporal o período da pré-independência, foram publicadas em 1977 (O colofon, em página não numerada mas correspondente à 200, indica “maio/1977”). Muito provavelmente foram escritas no ano de 1976, com Angola já constituindo um país independente: a República Popular de Angola, com um regime político mais ou menos inspirado na União Soviética e nas outras repúblicas populares do Leste europeu.

Em que medida esse regime de fato reproduziu seus modelos ou constituiu uma imitação apenas formal é questão que não cabe discutir aqui. Basta dizer que havia pelo menos essa busca de apoio no modelo socialista, e que as alianças estabelecidas por Angola faziam com que a nova nação fosse vista, pelos Estados Unidos e seus aliados na Guerra Fria, como um país comunista. Vejamos o que nos diz um estudioso angolano sobre alguns aspectos daquele momento.

A despeito dessas e outras questões controversas, que exigem pesquisa histórica específica, com verificação empírica em profundidade, o que importa constatar é que o socialismo foi um horizonte emancipatório que ganhou generalidade ambígua na sociedade angolana pós-independência, sem, no entanto, deixar de participar, ao lado dos códigos das culturas africana e portuguesa, na constituição da identidade nacional. A aliança operariado-campesinato, simbolicamente sacralizada pela presença da roda dentada e da catana na Bandeira Nacional, bem como o internacionalismo progressista, ainda hoje glosado pela Letra do Hino Nacional (“Angola Avante!”), de coautoria do próprio Manuel Rui Monteiro, provam a contribuição das ideias estrangeiras na formação do Estado-nacional. A soberania popular em vista da “construção da Sociedade Socialista”, constante como princípio fundamental a partir da revisão de 7 de janeiro de 1978 da Lei Constitucional, é outro exemplo incontestável. Também no plano da experiência local imediata, o socialismo ficou gravado na toponímia, mormente da capital (Rua Friedrich Engels, Avs. Ho-Chi Min e Revolução de Outubro, Largo Lénine, Cine Karl Marx, etc.), no nome civil e de guerra dos indivíduos (Natacha, Ivan, Vladimir, Valódia, Bakalof, Petroff, Matrosse, etc.), nas composições da música popular urbana da época e nas artes visuais, de que o pouco que restou são as emblemáticas pinturas murais nas paredes do Hospital Militar de Luanda dirigidas pela artista plástica Teresa da Gama. Para mais, o socialismo esteve em praça pública: na confraternização das comadres e no parlapié dos vizinhos, sob modalidades múltiplas e imprevistas. [...] // Foi, portanto, dessa Caixa de Pandora

¹⁹ KAPUCINSKI, Ryszard. *Mais um dia de vida: Angola 1975*. Trad. Ana Saldanha; prefácio Pedro Rosa Mendes. Lisboa: Tinta-da-China, 2013, p. 156.

que as melhores penas da literatura angolana, em especial Manuel Rui, cataram a matéria-prima de sua ficção, reiterando o deslocamento das ideias estrangeiras em nível da forma literária, o que os colocou em dia com a complexidade objetiva da experiência social em apreço.²⁰

Em meio a tanta e tão variada efervescência revolucionária e ideológica, por que não seria aproveitado também algo da política cultural que orientou a arte soviética durante mais de cinco décadas?

Desde o I Congresso dos Escritores Soviéticos em 1934 até o último, já durante a *glasnost*, ocorreram mudanças de caráter sociopolítico bastante significativas na URSS, em decorrência de acontecimentos ligados ao Grande Expurgo stalinista, à II Grande Guerra, à morte de Stálin, à ascensão e queda de Kruchtchov, ao período da estagnação que se seguiu com Brejniev, Andrópov e Tchernienko, à instituição da *perestroika* e o realismo socialista permaneceu em vigor.²¹

Para podermos olhar melhor estas ficções de Manuel Rui e responder qual possível relação elas podem ter com o dito realismo socialista, precisamos saber mais exatamente em que ele consiste. Homero Freitas de Andrade começa a defini-lo (ou a indefini-lo, como sugere o título de seu estudo) por oposição, estabelecendo um contraste com o realismo crítico e apoiando-se numa descrição do realismo socialista feita por G. Struve em sua *Storia della letteratura sovietica*.

Porém, desde logo colocou-se a questão: em que consiste a diferença entre realismo socialista e realismo puro e simples? Alguns críticos opunham o realismo socialista ao realismo crítico ou burguês. Afirmavam que o realismo burguês tinha raízes em uma postura crítica, que apresentava uma visão negativa da realidade. Já o realismo socialista, que devia refletir a realidade e a mentalidade socialista, parte “de uma postura positiva em relação à nova realidade de uma sociedade coletivizada. Por isso ele é fundamentalmente otimista, diz sim à vida, ao passo que o velho realismo burguês era fundamentalmente pessimista e implicava frequentemente uma concepção doentia do mundo”.²²

No que vimos até agora das estórias de Manuel Rui, as representações ácidas dos adversários do MPLA na disputa pelo poder político, as denúncias das atrocidades cometidas pelos *fenélas* e *unitas* em Luanda ou no Huambo, o divórcio entre esses grupos políticos e o, digamos assim, “verdadeiro povo”, “nosso povo”, o texto parece mais próximo da “visão negativa da realidade” associada por alguns ao realismo crítico ou burguês.

É nessa questão do “verdadeiro povo” ou de quem é afinal o povo, que Manuel Rui começa a esboçar uma “postura positiva em relação à nova realidade de uma sociedade coletivizada” e seu texto parece adquirir umas cores capazes de aproximá-lo do realismo socialista. Vejamos como isso

²⁰ SILVA, Osvaldo Sebastião da. *O socialismo fora do lugar: forma literária e matéria social em Manuel Rui*. (Tese de doutoramento em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.) FFLCH/DLCV/USP, São Paulo, 2019, p. 77-79. Como contextualização à sua análise da narrativa *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui, o autor faz um estudo em paralelo apontando as muitas semelhanças entre a Revolução Russa e a Revolução Angolana, para, num movimento dialético surpreendente, mostrar as ainda maiores diferenças entre as duas situações históricas.

²¹ ANDRADE, Homero Freitas de. “O realismo socialista e suas (in)definições.” *Literatura e sociedade*, 15 (13), 2010, p. 164.

²² ANDRADE, Homero Freitas de. “O realismo socialista e suas (in)definições.” *Literatura e sociedade*, 15 (13), 2010, p. 160.

aparece em duas passagens do conto “Duas rainhas”, que trata do momento da vitória das forças do MPLA sobre os combatentes da FNLA, expulsos da cidade pelo autodenominado “poder popular”, e da comemoração que se seguiu a essa vitória.

O que já não há é bandeira. Bandeiras do amarelo encarnado branco nem maquinaria sofisticada vinda da América, do Zaíre, da França, da Alemanha, da Inglaterra! As rajadas entraram por aqui. As morteiradas caíram aqui. Os tiros de canhão entraram por aqui. Depois quando ainda o cheiro da pólvora se elevava para o ar e a notícia correu de boca em boca pelo povo de Luanda e os soldados do povo erguiam suas armas de vitória, nem eles contiveram a marcha do povo, a força do povo que entrou por ali esbracejando com cantares sabidos e organizados.²³

A vitória coletiva (“a marcha do povo, a força do povo”) é mais importante e é capaz de superar a tristeza decorrente das eventuais baixas individuais. Umbelina, mesmo tendo visto no necrotério o corpo do jovem Kito, será uma das “rainhas” do título. Escolhida pelo dito povo, puxará as comemorações.

Um dos jovens que mais animava o delírio agarrou Umbelina pelo braço. Muitas pessoas concentraram, por momentos, os olhares no choro soluçante de Umbelina, convencidíssimas que era só alegria que lhe fazia chorar assim. / Foi então que uma rapariga de mini-saia e sapatos de tacões de dois andares, a cantar e a dançar, tirou da cabeça a peruca afro e foi encafuá-la na cabeça de Umbelina. / — Temos rainha — disse; e Umbelina redobrou as lágrimas, os soluços, colocou bem a mão apertada na mão do jovem, puxou-o para o meio da avenida e começou ela a gritar O ÊME-PÊ-LÁ É O POVO O POVO É O ÊME-PÊ-LÁ. A multidão respondia de um frenesi com vozes arrancadas bem de dentro e, todos a gritar O ÊME-PÊ-LÁ É O POVO O POVO É O ÊME-PÊ-LÁ, o cortejo deu em subir a avenida.²⁴

As duas citações dão um bom exemplo daquilo que parece ter sido um propósito do escritor com esta coleção de contos. Embora existam figuras, personagens, indivíduos de diferentes espécies representados nas narrativas, o grande personagem a ser exaltado no livro todo seria, é muito provável, o povo de Luanda, que, como diz a palavra de ordem, se confundiria com o MPLA, criando uma identidade entre povo e partido. E essa palavra de ordem ecoa em mais de um dos textos, é incorporada pelos populares representados e serve até como argumento para exigir que se arme todo o povo. Em “Cinco dias depois da independência”, num momento em que ainda ocorriam choques entre as duas forças adversárias, uma mulher anônima vai à Delegação do MPLA à procura de Lúcio Lara, um dos grandes dirigentes da organização.

— Essa camarada está aqui a arranjar maka não é? Vai mas é produzir, mais velha!
// — Arranjar maka o quê? Você um garoto só porque tem uma arma? Hoje mesmo tenho de procurar aqui o camarada Lúcio. Vou-lhe falar o meu filho a *fenelá* que matou. Eu é que sei. Como é então o povo continuar a morrer? O Ême-Pé-Lá é o

²³ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 82.

²⁴ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 86.

povo, o povo é o *Éme-Pé-Lá*? Então têm que dar as armas todas no povo. Hoje mesmo, aqui nesta Delegação eu venho procurar o camarada Lúcio.²⁵

Em outro momento o narrador dá uma definição do MPLA e da amplitude de sua composição que é, ao mesmo tempo, uma visão idílica bastante idealizada e que serve de demonstração e reforço ao que diz o slogan.

O MPLA era assim: uma larga frente. Pessoas de diversa preparação política, de várias cores, às vezes advogando com teimosia uma posiçõzinha particular, contradições que diziam bem da origem de cada um, mas sempre todos unidos naquela ideia triunfalista de arrasar blindados ou até aviões que viessem do imperial. A linguagem estava codificada. Imperialismo, neocolonialismo, fantoches, lacaios, poder popular, eram palavras de andar de boca em boca. Mesmo mais-velhas misturavam-nas com deus e rezas de terço. E dançava-se incluso em dias de fogo. Só que a música para isso falava da Revolução e seus heróis.²⁶

Essa exaltação do organismo dirigente, confundido com o próprio povo (não todo, apenas o “verdadeiro”, o “nosso”) pode ser aproximada da segunda definição (indefinição?) a respeito do realismo socialista. Vencida a dicotomia entre os dois realismos, em detrimento do realismo crítico, banido por ultrapassado,

[...] consagrou-se uma primeira definição geral de realismo socialista, devidamente inserida no universo do pensamento marxista-leninista. O novo método [...] devia representar a realidade conjunta, presente e passada, à luz da luta pelo socialismo, e sua característica distintiva devia ser uma mentalidade proletária de partido. Acontece que na ditadura do proletariado era o Partido quem estabelecia totalitariamente as prioridades da “luta pelo socialismo” e forjava a “mentalidade proletária”; portanto, a realidade soviética refletida pelo realismo socialista era deturpada em virtude da propaganda, das táticas e estratégias empregadas para a obtenção dos objetivos estabelecidos. Aliás, o falseamento da própria realidade e dos fatos históricos estavam na ordem do dia, servindo ao culto da personalidade de Stálin, fortalecendo o regime e o Partido. Assim, *grosso modo*, a realidade em vigor era a decretada pelo Partido e ai de quem ousasse enxergar a realidade de fato. O processo de endeusamento do todo-poderoso pai de todos os proletários do mundo, do deus-vivo, erigia a igreja do stalinismo, guiava corações e mentes, criava mecanismos inquisitoriais de controle da realidade presente, passada e futura, instituindo uma versão atualizada dos tribunais do Santo Ofício. Esse culto à personalidade adquiriu proporções mitológicas e fixou-se como o traço distintivo da sociedade soviética nas décadas de 1930-1940, exercendo sua influência nefasta também na literatura e nas artes.²⁷

²⁵ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 110.

²⁶ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 122.

²⁷ ANDRADE, Homero Freitas de. “O realismo socialista e suas (in)definições.” *Literatura e sociedade*, 15 (13), 2010, p. 161-162.

Tudo isso é válido para a União Soviética e não estamos de modo nenhum querendo dizer que vale ou se repetiu em Angola. Mas podemos pinçar alguns traços desse quadro e vê-los presentes não na realidade angolana, mas no texto de Manuel Rui. Um deles é a exaltação do Partido (no caso de Angola, o MPLA) e seu papel de guia único e condutor do povo que afinal ele também é. Outro seriam as pinceladas de culto da personalidade espalhadas em alguns pontos da narrativa “Cinco dias depois da independência”. É claro que a figura cultuada não é Stálin, nem o culto assume as proporções adquiridas no caso do ditador soviético, mas a celebração de Agostinho Neto como o grande líder digno de toda confiança e pleno de toda sabedoria não pode ser ignorada.

Num momento em que o narrador lembra que a resistência popular teria se estabelecido quase espontaneamente, antecipando essa ação “antes da nossa vanguarda a ter oficializado pela voz do nosso mais que Presidente Camarada Neto”²⁸, temos a primeira menção e elevação do líder (“nosso mais que Presidente”), mostrando a coincidência entre a vontade do povo e a vontade dele. Mais adiante, mesmo sem saber ler, os pioneiros “mudaram de passeio para aproveitarem ver o *jornal de parede*, parando deslumbrados nos recortes onde vinha a fotografia do camarada Presidente”²⁹. O adjetivo “deslumbrados” dá bem a medida da adesão dos garotos à simples efígie do líder. Em outra passagem, em que o narrador faz uma espécie de inventário do que povoa a mente do grupo de pioneiros em suas andanças noturnas pela cidade conflagrada, a figura totêmica está incluída. “E, nesse deambular as noites, semeavam também a certeza da vitória, algo detido entre o real e a imaginação, o sonho, as palavras do Camarada Presidente, os cânticos revolucionários, as manifestações e os mortos daquele agora de Luanda [...]”³⁰ Tentando animar a assustada e grávida Carlota, os dois escondidos num cano de esgoto, nas proximidades de um prédio tomado pelos *fenelás* e atacado pelos *faplas*, o pioneiro que a salvou diz, de novo evocando a figura do líder: “— Como é? Estamos em guerra e a vitória é certa. Ninguém chora. Olha ainda se o Camarada Presidente sabe uma camarada a chorar assim! Não pode.”³¹ Aquela invocação restaura a coragem de Carlota. “O pioneiro tinha razão. Afinal ela era militante do MPLA. Não devia chorar. // Embalada naquela ideia de força e vitória que significava o Camarada Neto [...]”³² Reforçamos que isso em nada se parece ao culto da personalidade estabelecido na União Soviética em relação a Stálin, ou mesmo a Lênin, mas os exemplos e as menções reunidas deixam marcada a presença de um incipiente culto da personalidade do líder do MPLA, já presente nos sentimentos dos personagens da narrativa.

Mais um aspecto da, digamos assim, poética do realismo socialista, é o modo de construção do herói predominantemente característico.

Para tratar de temas caros ao Partido como a revolução, a industrialização, a coletivização do campo, usava-se na maioria das vezes um esquema narrativo bem simples: um herói positivo, dotado de uma sólida consciência política e de um enorme espírito de sacrifício, torna-se exemplo para os camaradas não tão dotados assim de como se deve proceder na incansável luta para a construção do socialismo.³³

²⁸ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 102.

²⁹ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 113.

³⁰ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 131.

³¹ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 140.

³² RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 141.

³³ ANDRADE, Homero Freitas de. “O realismo socialista e suas (in)definições.” *Literatura e sociedade*, 15 (13), 2010, p. 162-163.

Mais uma vez guardadas as proporções, o herói positivo também se faz presente em meio aos personagens que encontramos nestas estórias de Manuel Rui. Um herói positivo visto de forma bastante idealizada pela população. “E sempre o amor e o carinho pousado nas faces e nas perguntas que as pessoas faziam de dentro dos quintais ou na soleira das portas. Quase tudo que um guerrilheiro afirmasse elas acreditavam.”³⁴ Esse herói positivo que reúne em si ao mesmo tempo o revolucionário, o guerrilheiro e o combatente *fapla*, ativo na luta ou em repouso, como o Comandante presente no conto “O relógio”, ou apenas misturado ao povo, está presente em alguma medida nas cinco narrativas. Mas há outro grupo, ainda mais capaz de atrair a simpatia dos leitores e que encarna ainda melhor o papel de herói positivo, e é, sem sombra de dúvida, muito mais vivo e vibrante que qualquer dos mais ou menos burocráticos heróis do realismo socialista soviético. Ele já surge, muito de passagem, na primeira estória, “O conselho”. Nas linhas finais da narrativa um popular, sentado a um banco diante do Palácio que abriga o governo de transição, vê “passar meninos de camuflado”³⁵. São os pioneiros, que andam sem medo por toda a cidade e ouvem a narrativa sobre o relógio do oficial português no segundo conto, em mais um quadro idílico, unindo o presente revolucionário e o futuro que, ao que parece, ao que tudo indica, seguirá sustentando a revolução.

Todos os meninos andados naquele lugar sabiam a estória do relógio e recontavam-na em cada sítio de oportunidade. Mas prazer, isso sim!, era ouvi-la aos domingos, sentadinhos na areia ou à sombra da varanda pequenina! Recebê-la doce e pachorrenta da boca do camarada Comandante.³⁶

Além das cores revolucionárias que dão a tonalidade principal ao quadro, ele também parece conter uma evocação de fundo evangélico, do mestre ensinando às criancinhas lições de tolerância que demonstram que até o inimigo português pode ser lembrado, pelo menos em alguns casos, como uma figura humana. Os pioneiros pensam nos filhos que o major português talvez tivesse e se propõem a ir a Portugal devolver-lhes o relógio e explicar o que aconteceu. E quando os pioneiros querem saber de que modo poderão ir a Portugal, levar o relógio, o narrador apresenta um retrato transfigurado do Comandante, associando-o à terra de Luanda de um modo que nada fica a dever a qualquer bom poeta romântico.

Então o Comandante, com um sorriso mais doce que a espuma que beija a areia nos fins de tarde de Luanda e os olhos mais quentes de ternura e afecto que o sol quando desaparece devagarinho cor-de-laranja por detrás do mar, baixou uma das mãos, apanhou uma das conchinhas que estavam no chão de terra batida, pousou-a na palma da outra mão e falou assim: // — Os pioneiros vão nesta concha a cantar o hino do *Éme-Pé-Lá*.³⁷

³⁴ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 118.

³⁵ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 18.

³⁶ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 21.

³⁷ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 55.

O único relato do livro em que os pioneiros não figuram é aquele intitulado “O último bordel”. Mas nele estão presentes jovens prostitutas adolescentes, submetidas aos desmandos de soldados do *elna*, ou seja, da FNLA. E elas não são menos heroicas que os garotos e menos capazes de resistir aos inimigos. Uma delas, requestada por um soldado inimigo, recusa-se a acompanhá-lo, tudo em presença da dona do bordel, Mana Domingas, que nada podia fazer.

Fazia esforço para arrastar a rapariga. Levantou-a e arrancou-lhe com uma das mãos a blusa. Os seios ficaram nus, empinados, adolescentes; e a prostituta, num gesto de virgem pudica que preserva a intimidade, encobriu-se com os braços, inclinou-se para trás com quanta força tinha e estoirou soluçando: // — Eu não vou para a cama com assassinos! // [...] E foi só o instante de ver brilhar a lâmina do sabre no brilho escultural dos seios da mais nova sob a luz amarela do abat-jour, o grito da rapariga a estatelar-se de encontro à mesinha, o candeeiro cair e tudo ficar escuro.³⁸

No conto “Duas rainhas” os pioneiros reaparecem, depois da expulsão dos *fenelás*, enquanto o povo se prepara para comemorar na rua a vitória. Reaparecem e estão em plena atividade.

Os pioneiros é que procuram nos escombros armas semi-desfeitas, tubos e madeira trabalhável que sirva para fazer aquelas espingardinhas de fisga e bala. E vasculham minuciosamente com os pés. Onde estiver um amontoado de caliça, carvão e cinzas, lá vão eles: remexem com um pau em busca de munições escapadas dos rebentamentos.³⁹

Mas é na novela final do volume que os pioneiros assumem de vez o protagonismo. O grupo de oito meninos chefiados pelo comandante Kwenha vai percorrer caminhos de Luanda debaixo de tiroteios de *fenelás* contra *faplas* como se aquela fosse, pelo menos para eles, a situação mais natural do mundo.

— É nosso. É “pepechá”. Foi um camarada assustado. Uma coisa mexeu, às vezes é um gato. — Asseverou Comandante Kwenha para os mirones circunspectos. // Eles não falhavam nos sons. Distinguiam bazuka, metralhadora anti-aérea ou canhão. Só uma coisa lhes metia um quê de susto. Era o morteiro. Porque saía do tubo, fazia uma curva e atoamente podia cair de surpresa no sítio onde uma pessoa estava parada. Do resto, conheciam a mínima margem de perigo. // [...] O tempo tinha posto assim as crianças nessa precocidade de aceitar a guerra como uma brincadeira séria de salvar a vida.⁴⁰

³⁸ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 74.

³⁹ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 83.

⁴⁰ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 119-121.

O foco aberto sobre os oito pioneiros vai, com o desenvolvimento da narrativa, se fechar sobre só um deles. Aquele que salva Carlota quando ela está prestes a ser agarrada por soldados da *fenelá* e a conduz para o cano de esgoto onde os dois passam a noite acompanhando os combates pelo prédio da *unta*⁴¹.

Esse pioneiro sem nome, em meio a todo seu conhecimento de armas, das “nossas” e das “deles”, estratégias e manobras militares, ainda é apenas uma criança e isso fica ainda mais evidente quando surge o companheiro habitual do menino, formando a dupla já representada de todas as maneiras possíveis por todos os meios narrativos conhecidos. “— Mas de quem é este cão? // — Do povo. É a sentinela da base número cinco do esquadrão Kwenha, o terror do imperialismo. ‘Bazuka’! — O cachorro estendeu-se logo, familiarmente, de papo para o ar com o miúdo a cocegar-lhe a barriga.”⁴² A dupla menino e cachorro, tropo que vem sendo mobilizado desde a Antiguidade até os nossos dias, e ao que parece continuará a frequentar narrativas enquanto elas continuarem a ser escritas, aumenta ainda mais a empatia do leitor com a figura do pequeno valente, como se isso fosse necessário. Até a assustada Carlota se anima com a presença do cachorro. “O garoto pintava-se de um semblante de carinho e felicidade por ver, em pouco tempo, o ‘Bazuka’ dar-se de afecto ao contacto com a rapariga.”⁴³

Mas no formulário do realismo socialista, o máximo estágio do herói positivo está na sua máxima capacidade de sacrifício, o momento em que o herói vai além de si mesmo e se torna mártir. Passados três meses dos acontecimentos nas proximidades do prédio da *unta*, quando já aconteceu a independência, a bandeira foi hasteada, o hino cantado em coro, e Carlota já teve o filho, acompanhamos a procura que ela faz por aquele pioneiro. Quer perguntar-lhe o nome, coisa que não lhe ocorreu fazer naquela noite, para dá-lo ao filho recém-nascido. Mas, depois de muito trabalho, quando ela finalmente localiza o esquadrão Kwenha, constata que agora eles já não eram oito, eram apenas sete.

Faltava o pioneiro de olhos de luz no cano de esgoto como o sol dessa manhã primeira. De Novembro. Em onze. O pioneiro que contabilizava a guerra “nosso deles nosso deles”, tinha umas botas tamanhonas de biqueira revirada, espingardinha de figa e bala, um cão amigo chamado “Bazuka” e acreditou sempre que a vitória é certa, se fosse blindado estoirava o maquinista, se fosse barco afundava e se fosse avião abatia. // O pioneiro que morreu cinco dias depois da independência quando os mercenários insistiam em transpor a frente de Caxito.⁴⁴

É com essa espécie de elogio fúnebre em celebração desse pequeno e anônimo herói positivo que Manuel Rui fecha essa sua experiência de aproximação com o realismo socialista. Aproximação que, ainda assim, mantém uma respeitável distância. Mesmo abusando da parcialidade e fazendo um pouco de proselitismo político e propaganda, talvez nem tão pouco assim, o autor ainda consegue construir um texto com muita beleza estética e originalidade, em que as figuras são muito vivas, valorizadas pelo modo dramático utilizado, capturando o interesse do leitor, dando ao leitor a possibilidade de compartilhar os acontecimentos com os personagens, de testemunhar os eventos, de experimentar, num transporte imaginativo, a situação criada, de reviver

⁴¹ União Nacional dos Trabalhadores de Angola.

⁴² RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 147.

⁴³ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 148.

⁴⁴ RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, p. 191.

virtualmente aquele ano de 1975 em Luanda. Quer nos parecer que isso foi poucas vezes alcançado pelas obras “do realismo socialista, cujo método não era um método de representação artística, mas um formulário”⁴⁵. Manuel Rui pode até ter preenchido alguns itens, mas com toda certeza largou no meio o preenchimento do formulário.

Conclusão: experiência única

Para fechar este paralelo que procuramos traçar, entre a obra *Sim camarada!* e as trilhas do realismo socialista, lembremos que há ainda nele um aspecto de ausência, uma lacuna levantada por Homero Freitas de Andrade, que também aparece pela ausência na obra de Manuel Rui. E nesse caso estamos querendo dizer na totalidade da obra, não apenas no livro que discutimos aqui.

A vitória na II Guerra provocou uma nova avalanche de obras de caráter laudatório, em que o herói positivo era mostrado em plena batalha contra o fascismo para salvar a pátria socialista. Sobre os sofrimentos e a penúria do povo, as discriminações, os expurgos, as detenções e execuções, nem uma palavra. Nem uma palavra sobre os *gulags*, os processos sumários, os fuzilamentos, as penas intermináveis, o terror.⁴⁶

Como já vimos, o cólofon de *Sim camarada!* informa que a obra foi impressa exatamente no mês de maio de 1977. Ora, esse mês marca o enfrentamento entre uma espécie de facção de esquerda revolucionária radical dentro do MPLA e a direção centralizada em Agostinho Neto. Desse enfrentamento, que os derrotados alegaram ter sido apenas uma manifestação de protesto e os vitoriosos chamaram de tentativa de golpe, que teria sido rapidamente abafado com a ajuda das tropas cubanas, resultou uma onda repressiva cuja história ainda está por ser contada.⁴⁷ Manuel Rui, como membro do governo, foi de alguma forma testemunha desse conflito e dessa onda repressiva, alguns dizem que até participante. Outros escritores angolanos, como José Eduardo Agualusa em seu *Estação das chuvas*⁴⁸, ou Boaventura Cardoso, em seu *Maio, mês de Maria*⁴⁹, fizeram tentativas de abordar esse assunto considerado bastante tabu. Mas ele, Manuel Rui, como os escritores do realismo socialista soviético do pós-guerra, nunca mencionou esses acontecimentos nem fez deles tema para sua ficção.

A experiência de realismo socialista parcialmente acompanhada nos textos de Manuel Rui de que nos ocupamos foi única, não voltou a ser usada na prosa do autor. Dali em diante quer nos

⁴⁵ ANDRADE, Homero Freitas de. “O realismo socialista e suas (in)definições.” *Literatura e sociedade*, 15 (13), 2010, p. 163.

⁴⁶ ANDRADE, Homero Freitas de. “O realismo socialista e suas (in)definições.” *Literatura e sociedade*, 15 (13), 2010, p. 163.

⁴⁷ Para mais informação sobre os acontecimentos mencionados, algumas indicações bibliográficas. MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. *Memórias de um golpe: o 27 de Maio de 1977 em Angola*. (Dissertação de mestrado.) Niterói: DH/UFF, 2012. MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. *Purga em Angola: o 27 de maio de 1977*. 4ª. ed. rev., actual. Alfragide: Texto, 2011. “MICHEL”, Miguel Francisco. *Nuvem negra: o drama do 27 de maio de 1977*. Lisboa: Clássica, 2007. PAWSON, Lara. *Em nome do povo: o massacre que Angola silenciou*. Trad. Susana Sousa e Silva. Lisboa: Tinta-da-China, 2014.

⁴⁸ AGUALUSA, José Eduardo. *Estação das chuvas*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

⁴⁹ CARDOSO, Boaventura. *Maio, mês de Maria*. Porto: Campo das Letras, 1997.

parecer que ele afiou os seus instrumentos de realismo crítico e sátira social. Isso fica bem claro na sua talvez mais conhecida obra, publicada em 1982, cinco anos depois de *Sim camarada!* Estamos falando de *Quem me dera ser onda*⁵⁰, narrativa em que, em vez de celebrar o governo e o poder, ele se ocupa em denunciar as hipocrisias e tramoias humanas e cotidianas que continuam a existir em todas as espécies de regimes políticos. Mas, em nossa opinião, isso constituiu um progresso. Talvez esse progresso fique mais evidente se considerarmos que ao fim dessa ficção, embora seja doloroso o que acontece ao Carnaval da Vitória, já que inevitavelmente compartilhamos o ponto de vista dos meninos para com o animal, o sacrificado seja um porco, e não um menino.

Referência Bibliográfica

ANDRADE, Homero Freitas de. "O realismo socialista e suas (in)definições." *Literatura e sociedade*, 15 (13), 2010.

CARDOSO, Boaventura. *Maió, mês de Maria*. Porto: Campo das Letras, 1997.

KAPUCINSKI, Ryszard. *Mais um dia de vida: Angola 1975*. Trad. Ana Saldanha; prefácio Pedro Rosa Mendes. Lisboa: Tinta-da-China, 2013.

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARQUES, Inácio Luiz Guimarães. *Memórias de um golpe: o 27 de Maio de 1977 em Angola*. (Dissertação de mestrado.) Niterói: DH/UFF, 2012.

MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro. *Purga em Angola: o 27 de maio de 1977*. 4ª. ed. rev., actual. Alfragide: Texto, 2011.

PAWSON, Lara. *Em nome do povo: o massacre que Angola silenciou*. Trad. Susana Sousa e Silva. Lisboa: Tinta-da-China, 2014.

REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. Trad. Denise Tavares Gonçalves; prefácio Zuenir Ventura. São Paulo: Ediouro, 2002.

RUI, Manuel. *Regresso adiado*. 2ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1978.

RUI, Manuel. *Sim camarada!* Lisboa: Edições 70, 1977.

RUI, Manuel. *Quem me dera ser onda*. 2ª. ed. Ilustrações e capa de Alceu Saldanha Coutinho. Luanda: Instituto Nacional do Livro de do Disco, 1984.

SILVA, Osvaldo Sebastião da. *O socialismo fora do lugar: forma literária e matéria social em Manuel Rui*. (Tese de doutoramento em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.) FFLCH/DLCV/USP, São Paulo, 2019.

⁵⁰ RUI, Manuel. *Quem me dera ser onda*. 2ª. ed. Ilustrações e capa de Alceu Saldanha Coutinho. Luanda: Instituto Nacional do Livro de do Disco, 1984.

Artigo recebido para publicação em: julho de 2019.

Aprovado para publicação em: setembro de 2019.